

## Pesquisa em Saúde Mental no Brasil: through the looking-glass

*“But I don’t want to go among mad people,” Alice remarked.  
“Oh, you can’t help that,” said the cat: “we’re all mad here. I’m mad. You’re mad.”  
“How do you know that I’m mad?” said Alice.  
“You must be,” said the cat, “or you wouldn’t have come here.”*

Lewis Carroll, 1865

A pesquisa em Saúde Mental no contexto da Saúde Coletiva brasileira vem aumentando nos últimos anos de maneira significativa. Essa produção escoou nas revistas da área e transborda para publicações de áreas afins, como psicologia, psiquiatria, ciências sociais em geral e outras. Houve também, nos últimos anos, números especiais dedicados a essa temática, o aparecimento de novas revistas e até mesmo um número recente da prestigiosa revista *Lancet*, em que o sistema de Saúde Mental brasileiro foi objeto de análise e de elogios.

Os textos fundadores, inicialmente teses e material hoje considerado “cinza”, apresentaram imperativos éticos e renovadores. A Reforma Psiquiátrica brasileira alterou de forma inegável as práticas cotidianas, expandiu os serviços e impactou a configuração do campo acadêmico. Por isso, hoje, definirmo-nos como antimanicomiais continua sendo importante como outrora, porém já não é mais suficiente. Novos problemas e questões se apresentam para a pesquisa. Como cientistas, é nosso dever ético-político não somente proclamar que rejeitamos essa forma inumana e excludente de lidar com o sofrimento psíquico. Somos compelidos, também, a dizer que práticas recomendamos e a argumentar em seu favor, construindo novas evidências.

Esses aspectos apresentam-se com intensidade renovada no momento atual, apontando para as próprias agências financiadoras a necessidade de estimular a pesquisa em Saúde Mental. Editais específicos do CNPq e das fundações de amparo à pesquisa podem ser mapeados por trás do referido aumento da produção científica e de vários dos artigos aqui reunidos. Pode-se constatar a fertilidade dos estudos empíricos, da reflexão científica e da inovação das práticas.

Nosso campo reflete certo ecletismo metodológico, no qual pesquisas de caráter qualitativo, etnografias, estudos hermenêuticos e interpretativos, desenhos mistos, pesquisas avaliativas participativas e estudos clássicos de cunho epidemiológico conversam entre si, porém sem abrir mão do rigor e das tradições que sustentam teoricamente o campo. Como raridade, atrevemo-nos a dizer que, na Saúde Mental, a parceria entre pesquisadores é mais usual do que na academia em geral, o que talvez tenha suas origens na longínqua militância comum, baseada em princípios éticos como os da não exclusão. Apontamos aqui o fato de que os pesquisadores em Saúde Mental brasileiros costumam citar-se uns aos outros, o que não acontece com tanta frequência na Saúde Coletiva (fato comentado como empecilho para a melhora do índice de impacto das publicações).

Mais pesquisadores envolvidos com os serviços, mais financiamento induzindo pesquisas, aumento da produção em termos de publicações: quem lê pode achar que descrevemos o paraíso. Não nos iludimos. Há inúmeros desafios pela frente. Entre os principais (honrando a articulação entre pesquisa e prática), a necessidade de constituirmos uma forte aliança entre usuários e academia para nos fortalecermos para o combate contra o estigma, a participação dos portadores de sofrimento psíquico como cidadãos, a formulação de consensos básicos sobre o que sejam boas práticas na área, a denúncia e o basta à crescente hipermedicalização da vida! No que tange ao desenvolvimento científico e acadêmico, esses temas ainda estão engatinhando. A área mostra a pujança própria de campos problemáticos jovens. A realidade aponta para a relevância e a urgência de tais estudos. É nisso que muitos de nós, autores do presente volume da revista *Ciência & Saúde Coletiva*, vimos trabalhando, pois acreditamos que “very few things indeed were really impossible” (Lewis Carroll, *Alice’s adventures in wonderland & through the looking glass*. New York: Penguin Group; 1960).

Rosana Onocko Campos  
*Universidade Estadual de Campinas*